

POD CAST JHSP



Japan House

Episódio 06

Kaiju eiga e J-Horror: de Godzilla a O Chamado

Natasha: Oi. Sejam bem-vindos ao sexto episódio da terceira temporada do podcast da Japan House São Paulo. Eu sou a Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da Japan House, e vou te levar comigo em mais uma viagem pela cultura japonesa.

Nesta temporada, o tema é cinema! Quem me acompanha é o Pedro Butcher, professor e crítico de cinema.

Pedro: E, como a Natasha já bem disse, já estamos no nosso sexto episódio! Ou seja, se você ainda não ouviu os episódios anteriores, se prepara que, depois do capítulo de hoje, você vai ter conteúdo à beça pra maratona.

Natasha: Inclusive, no site da Japan House SP você encontra o título de todos os filmes que foram citados e outros conteúdos pra se aprofundar no assunto.

Dito isso, um aviso importante para os ouvintes: tirem as crianças da sala. Ou da frente do seu tocador de podcasts favorito. Há dois episódios, a gente falou sobre desenho animado, tudo muito inocente, muito fofo...

Pedro: No episódio anterior, a gente já aumentou o tom um pouquinho, trazendo pra pauta os filmes de ação samurais...

Natasha: Mas hoje a gente vai colocar fogo no parquinho.

Pedro: Sabe aquele tipo de filme que faz você sentar na ponta da cadeira do cinema, fechar os olhos, agarrar a pessoa que tá do seu lado?

Natasha: Ô, se sei, Pedro. Eu sou super patife pra isso, é aquele tipo de filme que faz a gente ficar tentando adivinhar que diabos o diretor escondeu ali naquela cena e quando é que a gente vai ser surpreendido e levar um baita de um susto.

Pedro: No episódio de hoje, portanto: o terror no cinema japonês.

Pedro: Quem ouviu os capítulos anteriores, já sabe que o cinema japonês assim como a cultura japonesa costuma encarar o fantástico ou o mistério como uma parte intrínseca do dia a dia. Sobre esse aspecto específico, eu queria perguntar pra Natasha: de onde vem a cultura do horror no Japão?

Natasha: Nossa, vem de muito, muito tempo atrás. Aqui a gente tá falando de cinema, mas é importante ressaltar que o gênero do terror tá presente há muitos anos no folclore e também dentro da produção artística japonesa como um todo.

Pedro: Foi no kabuki, estilo teatral japonês surgido no século XVII — e considerado Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco —, que os contos populares que já faziam parte do imaginário japonês ganharam características que podem ser vistas hoje nos filmes de horror japoneses, e formaram a imagem do fantasmagórico.

Natasha: Bom aqui no Ocidente a imagem de fantasma padrão é a de um lençol branco flutuante com buracos, né? No kabuki, os fantasmas são caracterizados por uma pessoa vestida com um quimono branco até o chão, cobrindo os pés; com cabelos desarrumados, os braços encurvados, as mãos penduradas... Te lembra alguém?

Pedro: Ah, lembra. Mas já a gente fala dela. Bom, a produção dos primeiros filmes japoneses de terror datam da segunda metade do século 19. Mas foi na década de 60, depois da Segunda Guerra Mundial, que o gênero realmente se desenvolveu.

Natasha: Lembrando que essas histórias de horror sempre foram um reflexo da sociedade às quais elas eram contemporâneas; então não é de se admirar que o terror real da bomba atômica tenha sido um dos grandes responsáveis por essa tendência.

Kapel Furman: O Godzilla, ele é o reflexo, não só às bombas nucleares, mas também os crimes ecológicos da humanidade acordam este titã que vai se vingar da humanidade pelo que ela está fazendo com a natureza, é uma força da natureza.

Natasha: Esse que deu o spoiler sobre o primeiro filme que a gente vai falar hoje é o Kapel Furman. O Kapel é cineasta, coordenador de efeitos especiais e designer de criaturas. Bom, importante falar que ele também é um grande fã de uma certa criatura do cinema de horror japonês. Pra ter uma ideia, a foto dele no Whatsapp, é essa criatura.

Kapel Furman: Para evitar qualquer dúvida que era eu, coloquei o Godzilla. Eu gosto muito do Godzilla, obviamente.

Pedro: A figura do Godzilla, aquele ser enorme e reptiliano pisoteando carros, casas e assustando um monte de gente, tá tão incrustada na cultura pop, que talvez nem todo mundo lembre de como essa criatura surgiu, afinal. E, pra ser sincero, eu aposto que no mínimo 90% de quem tá escutando a gente, nem tava nascido quando o lagartão apareceu pela primeira vez nas telas de cinema.

Natasha: Por isso, pode ficar tranquilo que o podcast da Japan House conta tudo: Godzilla é um filme japonês de 1954 dirigido por Ishirō Honda, com efeitos especiais de Eiji Tsuburaya, que, aliás, foi o criador do Ultraman.

O filme narra o périplo da população de Tóquio tendo que lidar com o surgimento de um réptil mutante gigantesco que apareceu em virtude dos testes nucleares. O Furman, nosso fã número um dessa criatura, descreve ela pra gente.

Kapel Furman: É uma interpretação de dragão com dinossauro e o nome dele tem baleia no meio, tem Deus no meio. Então ele é muita coisa. Ele acho que representa, e eu acho bem importante essa representação, porque ele de certa forma representa a união cultural de influências culturais do mundo inteiro. A gente tem, fugindo um pouquinho do Godzilla, mas o reflexo acaba sendo o Godzilla, você tem o modernismo europeu sendo influenciado pela arte japonesa no começo do século XX; você tem a arte japonesa sendo influenciada pela interferência da Europa no final do século XIX; e, ao mesmo tempo, você tem Hokusai usando tintas da Holanda e a Holanda sendo influenciada pelo trabalho do Hokusai. E tudo isso acaba, de certa forma, chegando no Godzilla, que é uma mistura de todas as influências, tanto de dinossauros quanto de dragão, quanto mesmo de baleia, mas de forma ecológica. Eu acho legal justamente porque é uma fusão. E acho que é por isso que talvez ele alcançou essa identificação mundial, né?

Pedro: E como alcançou uma identificação mundial, viu? Godzilla, ou Gojira, no original, ajudou a popularizar o cinema do Japão mundialmente, gerando também uma série de histórias em quadrinhos, sequências e, não surpreendentemente, seu próprio remake estadunidense apenas dois anos depois da versão original.

Natasha: Em 1956, Godzilla, Rei dos Monstros! foi lançado nos Estados Unidos. O filme gerou uma franquia multimídia que acabou reconhecida pelo Guinness World Records como a franquia de filmes mais longa da história. Além de ter sido importantíssima pra criação e a disseminação de novos efeitos especiais no cinema.

Kapel Furman: Eu acho que o Godzilla, ele trouxe uma coisa... Na verdade, os filmes japoneses, eles acabam, os filmes do gênero fantástico, eles acabam sempre sendo vanguarda em termos de efeitos especiais, em termos de linguagem. A gente tem muita coisa que hoje está muito em voga no cinema e artes em geral, mas se você olhar para a produção do Japão dos anos 80 e 90, principalmente, você está vendo tudo que tá acontecendo agora já feito naquela época. O Godzilla, ele tem um estudo de miniaturas muito grande, porque não é fácil fotografar miniaturas. Tem toda uma

equação que você tem que fazer, principalmente usando película para calcular a velocidade, proporção e tudo mais. E você tem essa coisa da disposição do espectador de acreditar na proposta do filme, porque, obviamente, é uma pessoa vestida.

Pedro: Bom, no nosso mundo de hoje, quando os efeitos práticos foram quase que totalmente substituídos pelos efeitos digitais, quando a gente ouve o Furman descrever o processo de criação do Godzilla a coisa pode até soar como amadora. Mas, eu vou te contar, de amadora ela não tem nada.

Kapel Furman: Hoje em dia a gente entende como amador, mas acho que voltando no tempo, considerando que eles não tinham referência de outras pessoas fazendo aquilo, eu diria que é um amador no sentido de amar a coisa, no sentido da origem da palavra. Mas também é o que eu falei, é vanguarda. Pra gente, hoje, eles parecem efeitos pobrezinhos de baixo orçamento, mas você tem que pensar que não tinha referência nenhuma. Onde a gente vai se inspirar? Eu consigo hoje, fazendo efeitos especiais, ter como referência toda uma produção cinematográfica de mais de 100 anos do mundo inteiro. Mas não dá para esperar que a pessoa, 70 anos atrás, tivesse a mesma coisa, tinha que inventar do zero, inclusive em termos de técnica e material. Então o que a gente enxerga hoje como pobrezinho e baixo orçamento, tem que pensar que era vanguarda tecnológica de efeitos especiais da época, dentro de recursos orçamentários extremamente limitados. A gente não está falando para uma produção da Disney da década de 50, da década de 60, a gente está falando uma produção de estúdio, até então se recuperando de uma guerra. E tentando criar coisas novas.

Natasha: Uma dessas coisas novas que foram criadas a partir do Godzilla foi a categorização de um novo gênero de filme: o Kaiju. Kaiju é uma palavra japonesa que significa "animal de forma anormal", mas que costuma ser traduzida como "monstro". Esse termo é usado pra a gente se referir a uma categoria de tokusatsu, que são produções que fazem uso desse tipo de efeitos especiais. O termo ficou bastante conhecido mundo afora. Um exemplo é o filme Círculo de Fogo, lançado pelo diretor Guillermo del Toro, em 2013. No filme, que é falado todo em língua inglesa, as criaturas monstruosas que estrelam a história são chamadas de Kaiju.

Pedro: E uma coisa legal sobre esse filme do Del Toro é que, embora ele tivesse à disposição a tecnologia moderna, podendo criar os monstros da forma que quisesse, ele insistiu que os Kaiju parecessem efetivamente homens vestindo uniformes de borracha, e que fossem baseados em animais terrestres. Exatamente como no primeiro Godzilla.

Kapel Furman: E é engraçado porque ele sempre é o vilão, mas ele acaba sendo o herói do filme. Ele vai lá destruir tudo, mas todo mundo torce para ele. Nem no Godzilla versus King Kong, tanto o que saiu no ano passado quanto no na década de 70, você torce pelos seres humanos. Você sempre torce pelo Godzilla e, no caso, pelo King Kong também. Mas eles são a

resposta dessa preocupação ecológica que a humanidade tem há muito tempo e, ironicamente, não resolveu até hoje.

Natasha: E, pra além do aspecto ecológico que o Furman trouxe, o Saul Mendez, professor e curador do Cine Horror, mostra de Cinema de Terror que acontece todo ano na Bahia, reparou numa outra "ameaça" que o Godzilla denuncia.

Saul Mendez: Esse monstro para eles é o estrangeiro. O estrangeiro que tá vindo invadir o nosso espaço, e o tradicionalismo japonês, até hoje é uma grande questão, essa questão da ocidentalização, deles terem se permitido muito a entrada da cultura do exterior e principalmente dos americanos, que depois que a guerra acabou, ficaram lá no território japonês e influenciaram muito o comportamento, principalmente dos jovens. Tanto é que a militarização no Japão já vinha de um movimento que não queria alterar suas tradições, seus costumes. Então, o Godzilla representa todo esse medo, não só daquele que trouxe a energia nuclear para destruir a população, como também o medo do outro por tudo que ele traz, toda a carga cultural que ele traz e que está invadindo o país.

Pedro: Eu não quero dar spoiler do filme, mas acho que dá pra dizer sem entregar tanto que, no final das contas, a população percebe que esse "outro", esse "estrangeiro", não é de todo mal. E eu acho que isso é uma coisa bastante sintomática pro que aconteceu com os filmes de terror japoneses ao redor do mundo depois que Godzilla arrombou a porta do cinema mundial com aquelas patas enormes.

Natasha: Saindo dos Kaijus, nessa temporada a gente acabou falando em episódios anteriores sobre dois filmes que foram bastante importantes pra consolidação do gênero de horror japonês no cinema mundial: o Onibaba, do Kaneto Shindo e As Quatro Faces do Medo, do Masaki Kobayashi, ambos de 1964. Em respeito aos nossos ouvintes mais atentos e pra fazer com que você fique curioso e ouça todos os episódios, eu não vou destrinchar esses dois filmes de novo agora. Mas eu acho que é importante ressaltar que esses filmes, mesmo não tendo monstros enormes e animais, trazem à tona uma característica peculiar: o folclore japonês. E o Saul explica o porquê.

Saul Mendez: Todo o cinema de horror ele vai estar pautado no folclore de cada país. Porque você lida com coisas sobrenaturais e isso aí é muito pautado na cultura do país, na religião e a gente tem no Japão o xintoísmo, que é algo completamente diferente do que se tem no Ocidente, assim como no Ocidente vai ser muita coisa pautada pelo catolicismo. A gente vai ter muitos filmes de exorcismo, por exemplo, essas coisas. No México tem muito filme de horror que puxa por esse catolicismo. E, no próprio Brasil, a gente pode considerar o Zé do Caixão que lida muito com essa questão. Já lá no Japão, as questões são completamente diferentes. Porque é uma outra base, uma outra realidade. E o folclore deles, como em qualquer lugar, é um folclore único.

Pedro: E o cineasta Jhésus Tribuzi explica como esse folclore japonês vai aparecer nas telas.

Jhésus Tribuzi: Quando você vai estudar o eixo do folclore japonês, você vai ver que existem vários tipos de monstros e vários tipos de fantasmas. Você tem o que eles chamam de yokai, que seria o ser sobrenatural. De forma mais abrangente e sendo até um pouco raso, o yokai seria o fenômeno sobrenatural em si; e você tem o yurei que seria o fantasma. E aí, dependendo do estudioso que você for ler, eles vão tentar redefinir o que de fato é um yokai, o que de fato é um fantasma, aí você vai ter então, vários tipos de monstros, o yokai, que seria um monstro, qualquer um, e o yurei seria o fantasma.

Natasha: Acho que fica mais fácil de entender os yokai quando a gente passa a encará-los como entidades sobrenaturais, que explicam fenômenos que, muitas vezes, parecem inexplicáveis pela lógica natural. Pra quem ficou curioso a respeito e queira se aprofundar no assunto, o site da Japan House tem uma série de artigos interessantíssimos sobre alguns desses yokai.

Pedro: Boa, Natasha. Os yurei, por sua vez, são aqueles espíritos de pessoas que morreram, mas que ainda têm questões a serem resolvidas no plano terreno. O Jhésus listou pra gente alguns dos yokai e yurei de que ele mais gosta.

Jhésus Tribuzi: O Bakeneko, ele vai aparecer num filme chamado Kuroneko, que é o gato fantasma e o Gato Fantasma vai possuir alguém que está quase morrendo. A pessoa em determinada condição vai acabar virando esse Bakeneko, esse monstro gato que aí vai querer atacar humanos. Isso daí já é bem diferente, por exemplo, do fantasma que aparece em Contos da Lua Vaga, do Mizoguchi, que é um fantasma tranquilo, na medida que dá pra ser, um fantasma que está querendo se casar com o ser humano para agradar o fantasma do pai morto. Sabe as condições como são? Você tem o pai morto e tem um fantasma, que obviamente tá morto querendo se casar para ajudar esse pai...E aí, eu vou te dar um exemplo de um monstro, rapaz, muito doido, que eu salvei aqui porque eu adoro esse bichinho. O nome do Yokai é Jinmenju, traduzido em inglês aqui, é a árvore com face humana. Esta árvore, ela vai crescer em lugares isolados e os frutos que vão aparecer dela todos têm rosto humano que podem simplesmente começar a rir. O coitado do viajante que passa e topa com isso, ele vai ter muito medo. Só que essa árvore não vai fazer nada. A árvore só existe. Ela está ali com qualquer tipo de árvore, assim, na medida do possível, com esse pequeno diferencial que ela tem frutas em forma de face humana. Esse é o tipo de monstro que interessa quando você vai discutir o que pode ser horror ou como o horror pode agir, entendeu? Porque dependendo como o filme ou como conta a história, essa árvore, ela vai ser muito aterrorizante. Só que ela também pode ser muito maravilhosa, no sentido de como aquilo ali pega como primeira sensação. É uma coisa que eu nunca vi, eu como viajante ou como espectador, eu nunca vi uma árvore dessa. Eu vejo aquela árvore gigante com o rosto humano já tem o maravilhoso, misturado com terror.

Pedro: O maravilhoso. Táí uma palavra certa pra descrever esses fantasmas ou criaturas do cinema japonês. Tá, até pode ser difícil enxergar o maravilhoso em algumas delas, assim, de cara. Pensa no Godzilla, por exemplo. Eu imagino que, pra população de Tóquio que tava sendo atacada por um lagarto gigante, ele tava longe de ser qualquer coisa além de assustador.

Natasha: A gente já viu que, olhando todo o contexto, ele até que era um lagartinho fofinho. E esse não maniqueísmo das personagens talvez seja a maior característica do folclore japonês. Mais uma vez, o Jhésus.

Jhésus Tribuzi: A pequenez humana em relação ao fantástico me interessa muito no cinema japonês, até porque eles têm uma relação com o Fantástico, que eu acho muito incrível, que é normalizado. O Fantástico ele existe. Eu posso não conseguir explicar, mas ele está ali com suas regras. Eu também posso não entender e se algum dia eu topar com um fantasma ou com um monstro, às vezes, resolver esse problema vai ser muito parecido como eu resolveria um problema de encanamento em casa, só que com um fantasma. E eu acredito que isso venha justamente de como eles encaram os fantasmas e os monstros, e também da influência do xintoísmo e do budismo, uma certa justiça cármica que aparece para alguns personagens ou não. E do fato de que, às vezes, o monstro ou o fantasma está ali, não para destruir sua vida. Mas para mudar, mudar pode ser mudar pro lado bom ou lado ruim, mas só mudar.

Pedro: E a gente vai ver muito disso nos cinemas de Kiyoshi Kurosawa e Takashi Miike.

Natasha: Vamo começar por esse último, porque eu fiquei um pouco surpresa com a reação tanto do Jhésus quanto do Saul quando a gente trouxe o assunto Miike pra roda.

Saul Mendez: Cara... O Miike é um mundo, entendeu? Se a pessoa quiser gastar a vida dela assistindo todo o material do Miike, sobre o Miike, a pessoa vai ocupar o tempo da vida dela só com isso e talvez não consiga, porque primeiro você não vai conseguir ter acesso a tudo e segundo, que é muita coisa, é muito material.

Jhésus Tribuzi: Primeiro, como alguém consegue fazer aquele tipo de filme sem ser preso, sem ser morto, sabe? E como alguém consegue fazer a quantidade de filmes que ele faz. E manter a qualidade, no finalzinho dos anos 90, comecinho dos anos 2000, ele só fez filme bom, e ele fez uns dez filmes, ele faz uns dez filmes por segundo. Nessa conversa aqui da gente ele já deve ter feito uns cinco, se brincar.

Pedro: Takashi Miike, além de ser uma figura incomparável, ele é um cineasta que circula tanto pelo circuito de prestígio dos festivais de cinema, quanto pelas grandes bilheterias. Ele faz muitos filmes de todos os tipos imagináveis. Inclusive alguns filmes de ação com efeitos especiais divertidíssimos, que não fazem questão de parecer nem um pouco realistas ou convincentes. Saul e Jhésus têm toda razão, Takashi Miike fez uma centena de filmes até

hoje, não dá pra gente falar de todos eles, então a gente vai focar naquele que talvez seja o mais conhecido. Diga lá, Saul.

Saul Mendez: O Audition é uma adaptação de um livro que foi publicado recentemente no Brasil. A tradução em português, que é de um autor chamado Ryu Murakami, esse Murakami que não é o mais famoso, os livros dele são bem violentos.

Jhésus Tribuzi: O Audition vai te enganando. Ele começa e você vai achar que vai ver um filme até bonitinho, de alguém se apaixonando por uma menina. Ah, lembrei, Audition foi o primeiro que eu vi justamente por isso, porque as pessoas ficam falando “Takashi Miike, ele é muito doido e tem muito sangue e muita desgraça”, aí eu falei: vou ver. E eu comecei ver o Audition e a primeira metade do filme não tem nada disso.

Natasha: Não tem mesmo, Jhésus. Quem começa a ver Audition desatento, pode até achar que tá vendo uma comédia romântica. O filme, de 1999, conta a história do executivo Aoyama, que anos após a morte de sua esposa, é incentivado por um amigo a fazer uma suposta "audição" para a escolha de uma atriz — que, na verdade, seria um futuro interesse romântico dele. Ao analisar os currículos enviados pro teste, a atenção desse tal viúvo é imediatamente capturada por uma bailarina chamada Asami Yamazaki.

Pedro: No dia do teste, ela é a última a ser entrevistada. Rola um clima e ela dá o número de telefone pra ele. Parece fofo, né? Bom, ele demora a ligar pra ela, pra não demonstrar tanto entusiasmo e, quando ele finalmente liga, o telefone toca algumas vezes sem ninguém atender, apesar de a gente ver que a bailarina tá sentada do lado do aparelho.

Jhésus Tribuzi: Sentada, olhando o telefone que está tocando. E tem um saco preto se mexendo, que é claramente uma pessoa dentro. Aí eu disse: agora vai começar o negócio. E de fato começa. E o que ele consegue fazer é ir de zero a cem muito rápido.

Pedro: Olha, uma das coisas que a gente pode falar sobre o Audition, que ele tem de mais original, é que ele reinventa uma tradição de filme chamado de huis clos, esse filme que se passa num cenário só, praticamente, nesse caso dois, e eu acho que a melhor palavra que pode definir esse filme é: sinistro.

Natasha: Dá pra dizer que é também um filme sobre solidão. E ele não é o único filme de terror japonês sobre esse assunto. Takashi Miike que me desculpe, mas tá na hora de passar a bola pro Kiyoshi Kurosawa.

Pedro: Até quando a gente não tá falando do Akira, o sobrenome Kurosawa aparece no episódio, é brincadeira?

Natasha: Praticamente onipresente. Mas vamos voltar pro Kiyoshi. Kiyoshi Kurosawa é um diretor, roteirista, crítico e professor de cinema na Universidade de Artes de Tóquio. Apesar de ter feito filmes de diversos gêneros no cinema japonês, o Kurosawa é mais conhecido

pelas suas obras de terror. A mais conhecida delas, a magnus opus sobre solidão, é o filme Kairo, de 2001. O Jhésus é bastante fã desse filme.

Jhésus Tribuzi: Eu não consigo lembrar de outro que seja tão bom, porque os fantasmas, eles aparentemente saem da internet. Estavam se comunicando com você a partir da internet e sai na internet porque não tem mais espaço no mundo dos mortos. O fantasma ao ficar na terra e a tentar se comunicar com os vivos, a única coisa que te faz aprender a pedir ajuda e dizer que se sente solitário. E o filme vai trabalhar essa imobilidade do fantasma que não necessariamente quer lhe atacar, mas ele tá ali.

Pedro: O Kiyoshi Kurosawa ele tem uma das trajetórias mais interessantes do cinema japonês contemporâneo. Ele começa trabalhando pra televisão, ele faz muitos filmes que a gente poderia chamar, que seriam equivalentes aos filmes B, digamos assim, de pouco orçamento e de pouco prestígio; mas ele rapidamente consegue se afirmar na indústria do cinema japonês, primeiro com os filmes de terror, mas não só. Eu queria destacar aqui três filmes, muito incríveis: um é o Sonata de Tóquio, que é de 2008, o outro se chama Antes Que Tudo Desapareça; e finalmente O Fim da Viagem, o Começo de Tudo, um filme de 2019, muito bonito.

Todos esses filmes, não só esses filmes que são mais ligados ao drama, mas também os filmes de terror, também circularam internacionalmente tanto pelas cenas dos festivais como nos circuitos comerciais mesmo. O Kairo, por exemplo, foi exibido na seção Um certo olhar no Festival de Cannes; e chegou a fazer o inverso do que é comum ao cinema japonês: desta vez, o filme virou um livro escrito pelo Kiyoshi Kurosawa.

Natasha: E um aspecto bastante interessante sobre os fantasmas desse filme do Kurosawa é que eles não estão atrelados a um poço, a uma casa ou a um objeto amaldiçoado. Eles simplesmente não sabem o que fazer, pra onde ir.

Jhésus Tribuzi: E pra mim esse é uma das grandes desgraças e dos grandes momentos do filme, quando você lida com isso, que é o terror existencial. Não tem mais a ver só com a raiva ou só com a necessidade de vingança, ou só com determinado tipo de comportamento que seria normal àquele tipo de monstro. É uma coisa muito mais forte, muito mais potente, na minha opinião.

Pedro: Natasha, será que vai parecer pirraça se eu mudar completamente o assunto justamente pra dois filmes que falam de fantasma no poço e outro de um fantasma preso numa casa?

Natasha: É, um pouquinho, vai.

Pedro: Tá bom, desculpa, Natasha. Pra disfarçar um pouco eu vou puxar o tópico J-Horror primeiro. Eu vou pedir ajuda pro Saul e Jhésus, de novo.

Saul Mendez: O termo J-horror, assim, os próprios japoneses eles adotaram na época. A juventude se empolgou com esse termo J-horror e isso foi no mundo inteiro e lá também, os jovens de lá também adotaram esse termo.

Jhésus Tribuzi: Eu entendo o J-horror como uma espécie de renascimento. Pera, renascimento talvez não seja a palavra certa, mas seja uma reconfiguração do horror japonês, dos fantasmas japoneses. Ali, pelos anos 90,2000, onde o cinema japonês vai começar a tratar o fantasma e o social de uma forma muito forte, sabe? E vai embalar isso numa proposta de cinema que, ao mesmo tempo que amplifica o horror para o Japão, sabe, o horror do próprio personagem que mora naquela cidade e que lida com aquele tipo de fantasma, ao mesmo tempo que ele amplifica esse horror específico japonês, ele vai conseguir levar isso de uma forma muito potente pro resto do mundo. Então, quando eu penso em J-horror, o que eu posso dizer agora de uma espécie de ataque cinematográfico em relação ao ser sobrenatural que está assombrando os personagens e vai acabar assombrando o público.

Saul Mendez: J-horror é um termo meio que como o grunge para a música. Não existe um estilo grunge. Na verdade, você cria um termo para aquela estética, o emo, é um termo para uma estética, para um movimento da época em que os jovens pegam e abraçam aquilo como uma forma identitária.

Pedro: Já deu pra ver que o J-Horror não é um gênero deslocado do cinema de horror japonês como a gente já vinha falando até aqui, mas talvez ele seja forte o bastante pra gente se dedicar a ele um pouquinho.

Natasha: A linguagem do J-Horror foi inaugurada oficialmente em 1998, quando Hideo Nakata lançou o bem-sucedido Ringu. Talvez você conheça ele por outro nome: O Chamado.

Pedro: No filme, uma lenda urbana chama a atenção de uma jornalista. Corre às más línguas que uma fita VHS com imagens sem nexo, quando assistida, leva a um telefonema que prevê a morte de quem o assiste.

Natasha: Bom, quem não lembra da frase: "Você tem sete dias". Enfim, essa repórter não acredita na história até assistir o vídeo e receber uma ligação da própria Sadako, que ficou conhecida aqui no Ocidente por Samara — que é o fantasma de uma garotinha que morreu afogada num poço.

Pedro: Quatro anos depois, em 2002, foi a vez de Ju-On – que talvez você conheça sob a alcunha de O Grito. Baseada numa lenda do folclore japonês, o filme conta a história de uma mulher e uma criança que foram assassinadas brutalmente pelo pai da família. Os dois se tornaram fantasmas vingativos que matam e perseguem todos aqueles que entram na casa onde eles morreram.

Natasha: Esses dois filmes marcaram uma retomada do cinema de horror japonês blockbuster no Ocidente — ganhando adaptações estadunidenses e sucessivas continuações, como o tio-avô Godzilla. O Jhésus conta como foi acompanhar esse boom do J-Horror.

Jhésus Tribuzi: A minha primeira experiência, a minha primeira ponte pro cinema japonês foi um negócio muito doido, foi com O Chamado, veja só,

foi a refilmagem, eu assisti quando saiu e imediatamente fui atrás do original, do Ringu. E quando eu vi o Ringu, eu mais uma vez eu tive, sabe, nem uma epifania, eu fui atacado, no bom sentido, por aquelas imagens. E como eu já tinha uma predisposição a gostar desse tipo de coisa, por tudo que eu tinha assistido desde quando era criança, eu absorvi aquilo de uma forma que me deixou no chão. Na hora que eu vi aquilo eu falei, rapaz, eu preciso ir atrás de mais coisa. Então eu creio que de certa forma, eu sou filho do J-horror.

Pedro: O Jhésus explicou um pouco sobre os possíveis motivos que fizeram ele e boa parte da população mundial ficarem tão impactados com esses filmes nas suas versões originais – ainda que as adaptações americanas também tenham feito um sucesso absurdo de bilheteria.

Jhésus Tribuzi: Eu acredito que eles surgiram numa época, em que, de certa forma, o filme de horror, pelo menos esse mais mainstream, ele tava um pouco diluído, no sentido em que, as histórias eram muito parecidas, o que não necessariamente é um problema, mas os fantasmas ou monstros eram muito parecidos. O que também não seria um problema, se a forma de filmar fosse diferente ou feita com mais aventura. E aí você tá passando por um momento em que tudo é muito parecido, tudo é muito diluído, a ponto de ficar um pouco sem graça, você começa a não esperar nada do que tá vindo. E aí vem o Japão e te apresenta dois elementos que são clássicos das histórias de horror que é a maldição e a casa assombrada. E mostra que você pode fazer muita coisa com aquilo e, de forma diferente, de forma completamente assustadora. Lhe dá tipos de fantasma que não eram sempre vistos pelo público ocidental, né? A Sadako, a Samara, tem todo aquele perfil que a gente hoje tá acostumado mas que, na época, era difícil de ver, pra muita gente foi o primeiro contato com aquele tipo de fantasma. E O Grito tem a questão da casa assombrada e da própria forma como o fantasma ataca que também era diferente. Quando eu falo diferente, não é que nunca tinha sido feito. Mas é que foi feito dentro de uma proposta mais ousada.

Pedro: Acho que a gente pode resumir que as principais características das versões originais de O Chamado e O Grito, e dos filmes de terror japoneses de uma forma geral, estão na própria velocidade das sequências, principalmente as sequências assustadoras, que são um pouco mais lentas, a gente é convidado a participar delas de uma forma mais imersiva, talvez, e a segunda coisa é na forma de provocar o susto, que não é propriamente daquele jeito mais, digamos assim, um pouco óbvio, do cinema americano, do chamado jumpscare, que usa muito daquela música que vem alta pra ajudar a te dar aquele susto. O cinema japonês até vai ter o uso da música, mas é de uma forma bem diferente. E o susto vem talvez de uma forma mais orgânica. Bom, Ringu, que é a versão original de O Chamado, levou os filmes de terror japoneses de volta às raízes sobrenaturais. São as histórias de fantasmas de sempre, mas com um toque moderno.

Natasha: O espírito vingativo, a figura da mulher prejudicada, os fantasmas com longos cabelos compridos que remetem diretamente aos teatros Kabuki. Sem querer problematizar,

mas já problematizando, complicada essa representação feminina aí no cinema de terror japonês, não acha?

Pedro: É, Natasha, não dá para não concordar.

Natasha: Bom, ainda bem que a gente vai ter um episódio pra falar somente delas: as mulheres no cinema japonês. A gente se vê na semana que vem.

Natasha: O podcast da Japan House São Paulo é uma produção da Rádio Novelo. A produtora, roteirista e editora deste projeto é a Clara Rellstab. O tratamento de roteiro é do Tiago Rogero e da Miyuki Teruya. A sonorização é da Júlia Matos, e a mixagem é da Pipoca Sound. A música original é da Mari Romano. A estratégia de promoção é da FêCris Vasconcellos. Os conteúdos para redes sociais foram feitos pelo Tércio Saccol e pela Laura Ashley.

A identidade visual é de Thiago Minoru. A coordenação da Japan House São Paulo é de Miyuki Teruya e o conteúdo digital da Japan House SP é de Thelma Nakae e Júlia Casadei. No site da Japan House, você encontra mais conteúdo a respeito dos filmes que a gente trouxe no programa. Eu, Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da Japan House São Paulo, apresento esta temporada na companhia do Pedro Butcher. Até semana que vem, Pedro!

Pedro: Até mais, Natasha!